



20-08-1999

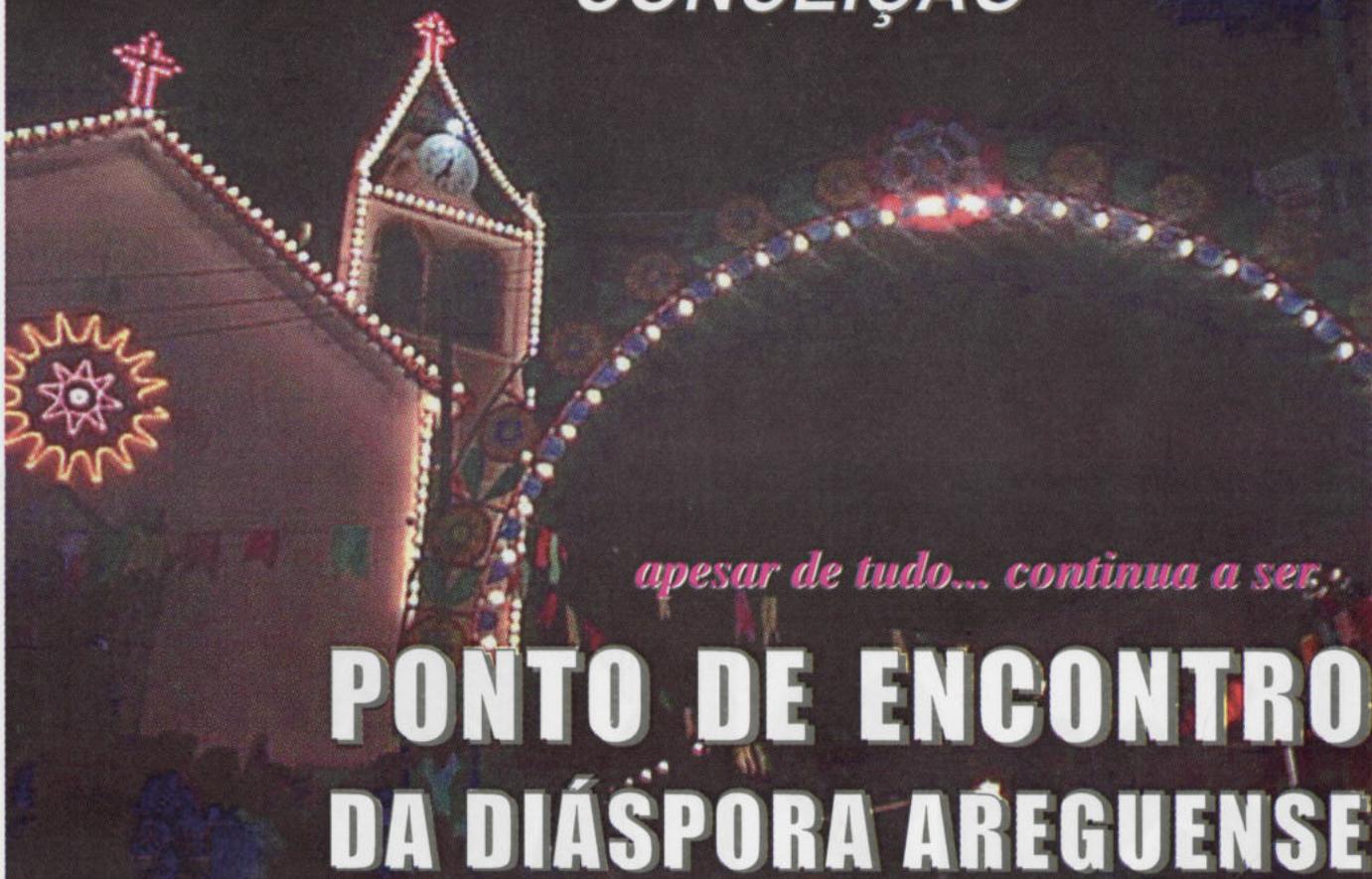
ANO VII - N.º 57

Voz d'AREGA

MENSÁRIO REGIONALISTA

PREÇO 100\$00 (0,5 euros)

FESTA DE N.ª SR.ª DA CONCEIÇÃO



apesar de tudo... continua a ser...

PONTO DE ENCONTRO DA DIÁSPORA AREGUENSE

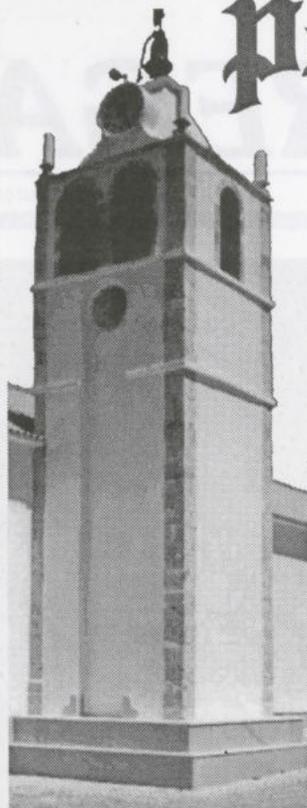


Mais uma Festa da Padroeira que, como sempre, foi pretexto para a grande reunião anual dos que trazem Arega no coração.

Para o ano há mais e já com promessas de ser festa de arromba

Págs. 5, 6 e 7

Por quem os sinos tocam



Esta secção, que foi iniciada e mantida enquanto a saúde lho permitiu pelo saudoso Padre Escaroupa, que lhe deu o título, destina-se a divulgar os casamentos, os baptizados e os funerais realizados na freguesia, enfim, o desenrolar da vida da comunidade areguense.

Sabemos que é a página mais procurada por quem está fora, para assim se inteirar do ciclo de vida do seu rincão natal.

Acontece que o registo do movimento paroquial é feito pelo Sr. Pároco, que, naturalmente, como oficia em mais de uma paróquia todo o tempo de que dispõe é pouco e precisa de levar o livro de assentos para casa para proceder à devida actualização nas horas vagas, que não serão muitas. E como é desse livro que são trasladados os dados que publicamos, raramente é possível tê-lo à mão para proceder à respectiva cópia, que sempre demora algum tempo, o que deixa durante

alguns meses os nossos leitores que estão fora privados da informação por que tanto anseiam, conforme têm reclamado amiúde.

Por esse motivo neste número só é possível fazer a notícia de dois casamentos, cujos dados nos foram enviados por familiares ou amigos dos noivos.

P. S. — Permita-se-nos este aparte para introduzirmos uma questão que julgamos pertinente e que é a seguinte:

Creemos que a Fábrica da Igreja devia modernizar-se um pouco e ter ao seu serviço um escriturário eventual para proceder a estes e outros registos, como é corrente em muitas paróquias de tamanho igual e até menor que a nossa, de forma a aliviar o serviço do Sr. Padre e de os registos da freguesia estarem sempre à mão, até por questões legais. Não constituirá assim um dispêndio tão avultado, sendo uma forma de acompanhar o evoluir dos tempos.

Casamentos



Realizou-se no passado dia 7 de Agosto, na Igreja Matriz de Arega, o enlace matrimonial entre **Sónia Rute de Carvalho Dias**,

do lugar da Portela, filha de Luísa Dias Carvalho Borges e de António Borges Dias, e **Jorge Manuel Simões Borges**, do lugar dos Braçais, filho de Zulmira Almeida Simões e de Manuel Rosa Borges.

Foram padrinhos da parte da noiva Ricardina Dias Amado e Amílcar Amado e da parte do noivo Maria Borges e Fernando Borges.

Desejamos aos noivos as maiores felicidades.



No passado dia 10 de Julho teve lugar na Igreja de Chão de Couce o enlace matrimonial entre **Maria do Céu Rodrigues Coelho**, natural dos Casais Fundeiros, freguesia de Arega, filha de Maria do Carmo Barata Rodrigues e de Adelino dos Santos Coelho,

e **Rui Paulo Gaspar Simões**, natural de Chão de Couce, filho de Albertina Gaspar Simões e de José Bernardino Simões. Apadrinharam o acto Maria Celeste Pereira Castanheira Santos e José de Jesus Santos, pela parte da noiva, e Maria Alzira Freire Dias e Rui Augusto Lima Gaspar, pela parte do noivo.

O casal fixou residência na vila de Ansião.

Os nossos votos de felicidades.

MINISTRO DA CULTURA EM FIGUEIRÓ

assina contrato para a construção da Biblioteca Municipal

MANUEL Maria Carrilho deslocou-se a Figueiró no dia 28 de Julho, na sua qualidade de ministro da Cultura, a fim de proceder à assinatura do contrato-programa entre o seu Ministério, a Câmara Municipal e o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas para a construção da futura Biblioteca Municipal, obra a implantar na ala em ruínas do Convento dos Carmelitas Descalços que será completada com a construção de um edifício de raiz, perfazendo a área total de 980 metros quadrados. O custo do empreendimento ascende a 162.010.000\$00 e o projecto, de autoria do arquitecto Luís Quaresma Ferreira, compreende tam-

bém o arranjo paisagístico da zona envolvente, onde será implantado um anfiteatro, um lago e zonas de lazer.

Esta obra tem vindo a ser objecto de várias candidaturas desde 1991, tendo agora surgido luz verde para a sua concretização através do Programa Rede Nacional de Bibliotecas Públicas.

Na sessão solene realizada no Salão Nobre dos Passos do Concelho o presidente da autarquia, Fernando Manata, aproveitou para pedir o apoio do ministro à candidatura já apresentada para os equipamentos da Casa de Espectáculos/Clube Figueirense, com inauguração prevista para meados de Setembro, assim como apelou para a indispensável intervenção do IPAAR com vista ao restauro da talha dourada dos altares do Convento dos Carmelitas, património classificado pertença da Comissão Fabriqueira da Igreja Paroquial, que se encontram em estado degradado. O ministro prometeu empenhar-se para corresponder a estes pedidos, até porque se enquadram no programa de intervenção cultural delineado pelo Governo.



Foto GADEL / Studio Sérgio

Colocação da 1.ª pedra (tijolo)
A avaliar pela destreza com que segura na colher, este ministro não teme o desemprego: tem sempre o futuro assegurado na construção civil

Finda a sessão solene ainda houve tempo para visitar o local da futura biblioteca, onde o ministro examinou a maquete e procedeu à colocação simbólica da primeira pedra (no caso um tijolo).

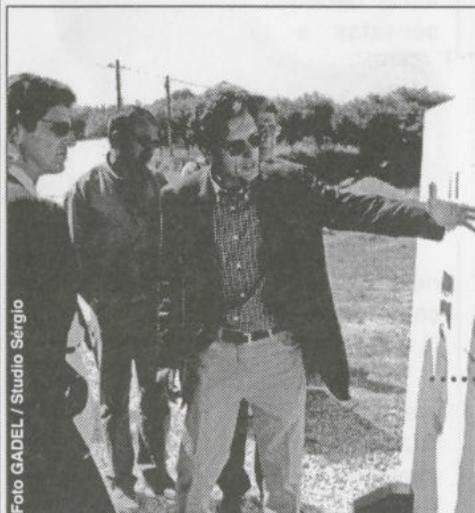


Foto GADEL / Studio Sérgio

O arquitecto Luís Quaresma Ferreira mostra ao ministro, na planta, detalhes do projecto

APOIO À REALIZAÇÃO DE OBRAS NA HABITAÇÃO – PROGRAMA SOLARH *

À semelhança do que ocorre um pouco por toda a parte, também em Figueiró dos Vinhos temos assistido ao desejo manifestado por parte de proprietários de habitações nas quais residem há largos anos em realizar algumas pequenas obras de restauro que permitam melhorar as condições de habitabilidade.

Por decisão governamental, e conforme Decreto-Lei publicado em *Diário da República* de 8 de Janeiro, foi instituído o Programa de Solidariedade e Apoio à Habitação – SOLARH.

Este programa, permite aos proprietários, sob determinadas condições, realizar obras capazes de melhorar as condições da habitação em que residem. Em termos gerais, traduz-se na concessão de apoios sem juros, a reembolsar durante um prazo máximo de 15 anos.

Aplicando o critério definido na legislação em causa, tomando como exemplo o caso de um proprietário que pretenda realizar obras de restauro no valor de 2000 contos (valor máximo a apresentar, com IVA incluído), se a candidatura for aprovada

ser-lhe-á concedido um apoio que se traduz no pagamento dos 2000 contos destinados às obras em causa (com uma parte sob a forma de adiantamento inicial) tendo o proprietário a obrigatoriedade de desembolsar mensalmente o valor de 11.110\$00, durante 15 anos Evidentemente que requerendo um apoio inferior a 2000 contos, o valor a despendar mensalmente será inferior, se assim for do interesse do proprietário. (Exemplo: 1000 contos dará cerca de 5600\$00 mês a pagar em 15 anos), podendo o prazo de pagamento ser mais curto.

Considerando os poucos recursos de alguns proprietários e a dificuldade em realizar obras, trata-se sem dúvida de uma boa oportunidade para o fazer, dado que, por um valor mensal reduzido, poderão dar à sua habitação outras condições.

É importante que os municípios saibam das condições de acesso, definidas por decisão do Governo e que terão de se verificar para que a Câmara Municipal possa receber a respectiva candidatura por parte dos particulares interessados.

Assim, a habitação em questão terá que estar na

posse do actual proprietário ou de um dos membros do agregado familiar há pelo menos 5 anos, excepto em caso de herança ou sucessão, em que tal obrigatoriedade não se verifica.

Por outro lado, nenhum dos membros do agregado familiar pode ser proprietário de outros imóveis ou receber quaisquer rendimentos daí decorrentes nem ter nenhum empréstimo a decorrer para financiar obras na habitação em questão.

Quanto aos rendimentos auferidos pelo agregado familiar, também existe um limite acima do qual a legislação impede participação nas obras, considerando-se deste modo que os rendimentos tal não justificam. As candidaturas são apresentadas na Câmara Municipal, instruídas dos documentos que terão de acompanhar o processo.

Importa alertar os interessados para a necessidade de obter informações acerca dos procedimentos a cumprir, podendo para o efeito dirigirem-se à Câmara Municipal, junto do Gabinete Técnico ou do GADEL.

* Texto: GADEL (CM Fig. Vinhos)

Ele há coisas...

Educação sexual

e preservativos gratuitos nas escolas



RUI LOPES

QUANTAS vezes não nos aconte

tece presenciar um facto ou uma conversa não dando na altura especial relevância ao sucedido para, mais tarde, na solidão de uma hora tranquila, voltar a pensar no que aconteceu e despertar em nós uma enorme inquietação no pensamento? Pois bem — no descanso das minhas férias dou comigo a reflectir acerca daquela proposta na assembleia do Partido Comunista Português acerca da educação sexual e dos preservativos gratuitos nas escolas. O problema, digovos, obscureceu-me o raciocínio bem mais do que o eclipse deste mês obscureceu o sol em Portugal — e ambos, diga-se de passagem, revelaram-se-me como grandes decepções. Tanto assim, que não resisto pois a registar aqui as minhas conclusões.

Toda a ideologia de esquerda do nosso tempo prima pela sua pretensa "abertura" aos problemas considerados "tabu" da sociedade. Já referi aqui, há umas crónicas atrás, que esta é umas das razões por que as soluções comunistas (por vezes de um extremismo de péssimo gosto) ganham cada vez mais adeptos nas camadas jovens — e a referida proposta do PCP concerne a estes em particular. Mas não deveremos nós, jovens e menos jovens, desconfiar de um liberalismo tão grande de conduta e de uma solução tão discutível como a apresentada? Afirmo que o problema é bem mais complicado do que querem fazer parecer as facções políticas em causa. Digo mais: a solução é uma contrasenso.

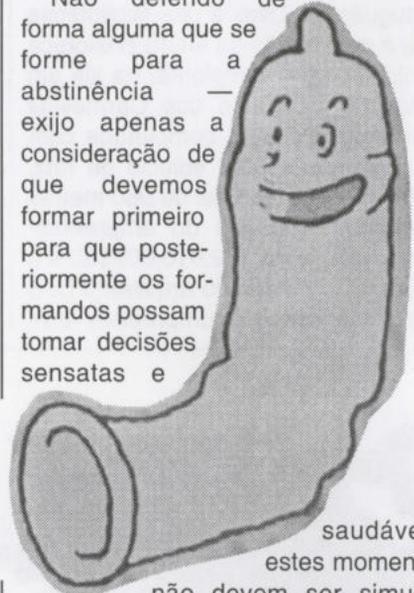
Qualquer jovem da minha geração, minimamente informado, concorda que deveria existir nas escolas, quando antes, formação específica na área do planeamento familiar e da educação sexual. Vivemos com o falagelo da SIDA lado a lado todos os dias e todos conseguimos citar um caso co-

nhecido da tragédia a que já chamam "doença do século". Mas devemos considerar que a fase da adolescência é bastante problemática em termos de formação sexual, já que também o é em muitos outros âmbitos — o desequilíbrio emocional é uma constante, na identificação de si perante o próprio e o Mundo. O "auge" deste plano de formação recai portanto numa fase da vida dos jovens que exige muito de quem assume a missão de formar. Se esta formação não for devidamente planeada, corre-se o risco de informar simplesmente.

Como se já não fosse suficiente a consideração que se deve pretender atenta ao que está em causa, o PCP propõe a contradição da formação — a disponibilidade imediata. Podemos nós, com consciência, querer dar aos jovens discernimento nas suas decisões emocionais e íntimas, oferecendo-lhes a anulação de tudo isso na distribuição gratuita de preservativos? Podemos nós permitir que os jovens nos acusem de querer "remendar" a situação com uma converseta de professor duas ou três horas semanais, para em simultâneo lhes conceder em privilégio um meio de concretizar impensadamente o que se pretende

em consciência — não esquecendo de referir que o preservativo não é um meio de evitar doenças tão seguro como parece...

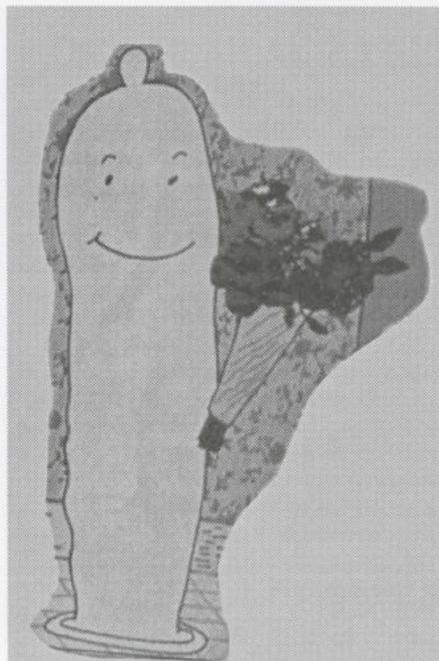
Não defendo de forma alguma que se forme para a abstinência — exijo apenas a consideração de que devemos formar primeiro para que posteriormente os formandos possam tomar decisões sensatas e



saudáveis; estes momentos não devem ser simultâneos, sob o risco da confusão provocada tornar ainda mais caótico o que já é suficientemente trágico.

Se o problema fosse assim considerado, seria bem menos necessário criar campanhas publicitárias promovendo o uso de contraceptivos. Antes do Verão, a cidade de Lisboa estava inundada de placards com frases do tipo "os preservativos são românticos" ou "os preservativos são divertidos". Não será também isto um trágico alerta? Não consigo achar piada nenhuma aos preservativos — a seriedade que penso merecer o problema não me permite um ânimo assim tão leve.

As soluções políticas devem ser pensadas para a posteridade, não devem ser "remendos" para um descontrolo que se deixa arrastar. Deve haver evolução — não uma cisão violenta e não pensada com o que está estabelecido. Ele há coisas que deviam ser para ontem, mas que precisam na mesma de tempo se forem iniciadas hoje. Anda por aí gente que quer estar tão à frente do seu tempo que até se esquece da data...



Crónicas da Festa

HÁ muitos anos a esta parte que o segundo fim-de-semana de Agosto vem sendo a data escolhida para o reencontro dos Areguenses que labutam por esse País e pelo Mundo fora. Isto porque nessa altura do calendário convencionou-se realizar a Festa da Padroeira da freguesia, N.^a Sr.^a da Conceição.

E não há areguense que se preze que não tente arranjar uns diazitos de férias para essa altura, para rever os amigos e participar nas festividades.

Este ano não fugiu à regra e mau grado algumas vicissitudes provocadas pelo mau tempo e também, sejamos sinceros, pela exiguidade do programa apresentado, a tradição repetiu-se.

No sábado apresentou-se o Rancho Folclórico de Pussos, infantil e adultos, com uma actuação de bom nível, conforme é seu timbre, e depois seguiu-se a prestação do conjunto Velhos Tempos, que de facto tocaram música muito velha e estafada, tanto que durante toda a noite viram-se dois pares a dançar.

O domingo, dia principal dos festejos, teve como ponto dominante a missa, seguida da tradicional procissão, que como sempre teve a participação de muitos fiéis. As fogaças não faltaram e como vem sendo hábito

ostentavam muitas notas de dez mil perfazendo bonitas somas que iriam, juntamente com as receitas da quermesse, das rifas, do peditério e do aluguer do bar, fazer face às enormes despesas da Comissão de Festas.

A Filarmónica de Fazendas de Almeirim deu um ar da sua graça e depois foi a vez de actuar, e bem, o Rancho Folclórico Camponeses de Aldeia do Mato (Coruche). O artista principal da noite dava pelo nome de Hugo Manuel e conseguiu congrega à sua volta muitíssimo público que escutou as suas canções, viu o seu espectáculo de muita luz e fumos coloridos e principalmente as suas duas bailarinas. De Proença-a-Nova veio um bellissimo conjunto musical, os N F Band, que talvez não executasse a música apropriada para este tipo de festas mas que nem por isso deixou de brilhar com muito profissionalismo. (Isto de esco-lher conjuntos para festas tem muito que se lhe diga, é preciso conhecer um pouco do assunto...)

Na segunda-feira é que não houve nada, e foi pena, porque quer se queira quer não o povo já está habituado aos três dias de festa e nota-lhe a falta.

De qualquer forma a Comissão fez o que achou que podia fazer e a mais não é obrigada. A festa fez-se, as pessoas vieram, conviveram e divertiram-se e isso é que é importante.



PROCISSÃO É O PONTO ALTO DAS FESTAS

...mas com todos os santinhos

A grande maioria dos que assistem à procissão ou nela participam não se apercebe de uma *guerrinha* que já vem do ano passado e opõe o poder eclesiástico à vontade do povo. É que por vontade do Sr. Padre, diz-se, coadjuvado por parte da própria Comissão Fabriqueira, só saía na procissão a imagem de N.^a Sr.^a da Conceição e todas as outras ficavam na Igreja. A Comissão do ano passado opôs-se terminantemente a tal propósito e este ano durante a semana que precedeu a festa houve grandes pressões, nomeadamente junto do sacristão, para levar aquela pretensão avante. Só que o povo não dorme e nos bastidores engendrou-se uma contra-ofensiva que desarmou os mentores desta ideia.

E não se consegue descortinar porque é que todos os santos não hão-de sair à rua a acompanhar a Mãe de Deus, nesta manifestação singela da fé popular. É que nunca faltaram voluntários para transportar os andores, e esses sim é que se podem queixar, porque há alguns bem pesados...

Cremos que não é com ideias peregrinas como esta que se trazem mais fiéis à Casa de Deus.

A Igreja não pode impor, confrontar, deve sim compreender, contemporizar. É isso as novas gerações de sacerdotes já entenderam.

A FECHAR O MILÉNIO COMISSÃO PROMETE 4 DIAS de festa rija no ano 2000

A Comissão do ano que vem já está a trabalhar com vista às Festas do ano 2000. E promete festa rija durante quatro dias, para que o povo não dê por mal empregue a esmola que vier a dar. É certo que fazer uma festa ao nível das Bairradas, Aldeia Ana Aviz, etc., exige verbas que a freguesia provalvemente não estará disposta a despende, mas hoje em dia há novas formas de financiar eventos como este, nomeadamente através da venda de espaços publicitários a grandes empresas. E será aí que a Comissão de Festas do ano 2000 deverá apostar, por forma a que Arega feche o milénio com uma festa de arromba.

COMISSÕES SÃO ILEGAIS

As comissões de festas a funcionar com as da nossa freguesia, rotativas ano a ano e sem se constituírem em entidades jurídicas, funcionam perante a lei em completa ilegalidade, já que movimentam milhares de contos sem que sejam prestadas contas ao Fisco.

Já aqui alertámos em tempo sobre a

necessidade de constituir comissões permanentes, do género associativo ou outro, o que traria benefícios ao próprio funcionamento e organização das festas, para além da reposição da legalidade.

É que um dia as Finanças podem lembrar-se de averiguar donde vem e para onde vai o dinheiro...

Com este número:

destacável com 8 páginas A5 de «A Clarinha do Casal dos Ventos»

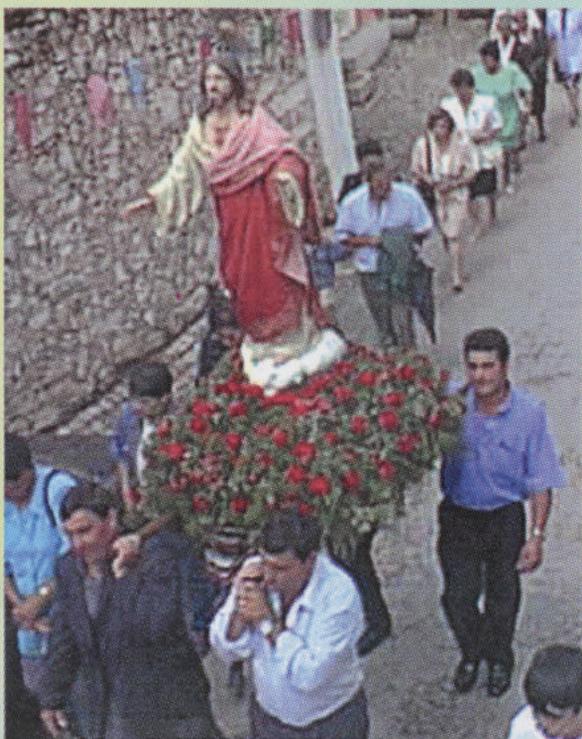
Esta edição de *Voz d'Arega* é composta por 14 páginas de jornal mais um destacável com 8 páginas A5 da novela que temos vindo a publicar. Esse destacável, que vai intercalado no jornal, deve ser dobrado e cortado, conforme a ordem sequencial das páginas, para poder ser lido correctamente e para coleccionar.

Instantâneos Festivos



Embora a ameaça de chuva pairasse no ar, a procissão realizou-se fazendo o percurso tradicional e como se viu as mulheres ombream com os homens no transporte dos andores com as imagens dos santos.

A banda acompanhou a cerimónia a compasso e à tarde ainda deu o concerto da praxe. Depois foi a vez de outras músicas

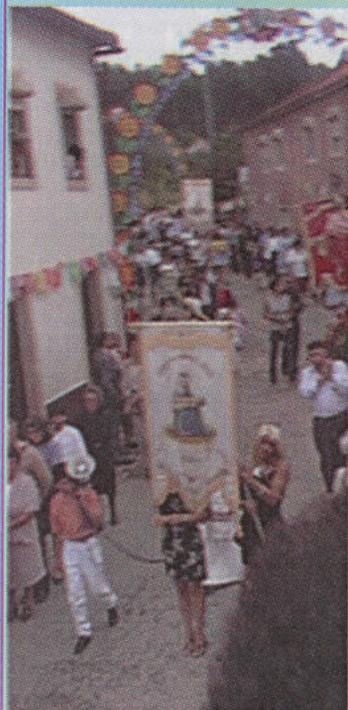


O «artista até era um bom artista», pelo menos conseguiu encher à cunha o adro e as zonas circundantes com um público que não arredou pé apesar das ameaças de chuva que se concretizariam mais tarde. Mas, parafraseando mais uma vez o Herman, «não havia necessidade» de ter pedido uma salva de palmas para um membro da Comissão de Festas, e no meio daquela multidão não mais de duas ou três pessoas lhe satisfizerem o pedido. A partir daí achou que era melhor tentar vender pelo menos «um t-shirt»



Três momentos da actuação do artista Hugo Manuel

Instantâneos Festivos



Devoções. Na procissão cumpriam-se promessas várias, desde levar os filhos vestidos de anjinho até fazer o percurso de pés nus, junto à bandeira da santa de sua devoção. Ao mesmo tempo, aproveitando a calma reinante dentro da igreja, quem já não tinha pernas para acompanhar a cerimónia recolheu-se na intimidade das suas orações, sob o olhar protector da Imaculada Conceição

O Manjar do Marquês

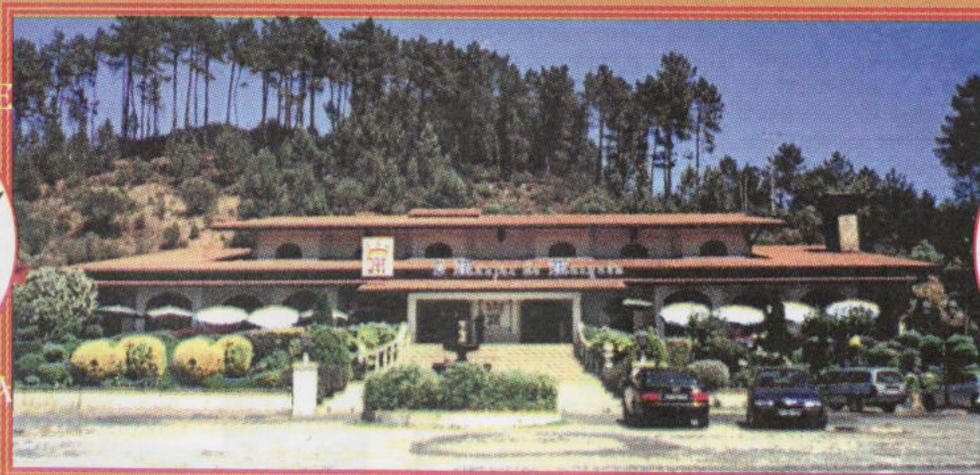
UTILIDADE

GELATARIA



TURÍSTICA

ARTESANATO



CAFÉ ★ RESTAURANTE ★ SNACK-BAR ★ ADEGA TÍPICA

Preços especiais para Casamentos, Grupos e Agências de Viagens

TELEF.: 036 -218153 • 218194/5 FAX 036-218818

ESTRADA NACIONAL N.º 1 — 3100 POMBAL

Quando se aproxima a época das vindimas e num ano que traz boas promessas vinícolas, vamos falar do

Vinho

A MAIS NOBRE DAS BEBIDAS

esboço histórico

O VINHO e a vinha aparecem já mencionados na Bíblia: «Noé plantou a vinha e tendo bebido do seu vinho, embriagou-se.» Tanto no Antigo como no Novo Testamento as alusões ao vinho são numerosas, como por exemplo o milagre operado por Cristo nas Bodas de Canaã, onde transformou água em vinho, testemunho de que já naquela época as ocasiões festivas eram celebradas com a bebida proveniente do suumo de uva. (E, pelos vistos, também já nesse tempo se fazia vinho a martelo, pois não será por acaso que o milagre consistiu na transformação de água — e não outro elemento qualquer — em vinho.)

A história da vinha e do vinho encontra-se ligada desde a mais remota antiguidade à mitologia, especialmente ao deus Baco, que, a partir da Ásia, irradiou para o Egipto, Trácia (hoje, sul da Bulgária) e países mediterrânicos.

A adoração de Baco pelos iniciados ia além da simples veneração devida ao criador e protector da videira. Na sua concepção inicial, Baco apareceu como uma espécie de divindade suprema. Porém, logo que se descobriu o seu carácter, o culto desenvolveu-se para a faceta mundana: a celebração da vinha e do vinho. Em Atenas dedicaram-lhe festas especiais. Procissões e espectáculos dramáticos tomavam um dia por ano totalmente dedicado a Baco, as chamadas festas Bacanais, que provavelmente no Egipto, de onde passaram para a Grécia e mais tarde para Roma com um inusitado carácter de orgia, a tal ponto que os poderes públicos romanos decretaram a sua suspensão em 186 a.C.

A dedicação da vinha a uma divindade, a importância que se lhe dá nas escrituras bíblicas, assim como o prestígio do vinho, presente em tantas cerimónias religiosas e profanas, levou ao desenvolvimento de uma iconografia riquíssima e de grande valor documental. Nos baixos-relevos assírios, nas pinturas funerárias egípcias e nas as tábuas achadas em Cartago, Tunes e Marrocos encontram-se referências à videira e ao vinho. Os achados, tanto em terra como no fundo dos mares, de numerosíssimos vestígios, são testemunhos que se somam às infinitas provas que enchem os museus, palácios, templos antigos, catedrais, mosteiros e castelos.

O vinho ocupa um posto de honra na literatura de todos os tempos. Homero já citava, séculos antes de Jesus Cristo, alguns vinhos de renome na antiga Grécia. Dá detalhes referentes até à maneira de beber. A lista dos poetas que no decorrer dos séculos se inspiraram no vinho e que, como Virgílio, contribuíram para a sua história, é interminável. Encontramos informações preciosas e completas em verdadeiros tratados de agricultura em que se descrevem todas as práticas vinícolas que se realizam hoje em dia: saibra, plantação, adubação, enxertos, poda, etc., assim como a vinificação.

Graças a certos autores como o poeta Hesíodo, os historiadores Heródoto e Xenofonte e o geógrafo Estrabão, conhecemos exactamente como estiveram repartidos os vinhedos na Antiguidade. Na Ásia prosperavam sobre as margens do golfo Pérsico, na Babilónia, na Assíria, no litoral dos mares Cáspio, Negro e Egeu, na Síria e na Fenícia. (Aliás, os inícios foram grandes divulgadores do vinho através do comércio que faziam deste produto, que transportavam nos seus barcos acondicionado nas célebres ânforas de barro, de que existem numerosos vestígios.) A Palestina, pátria da fabulosa descendência de Canaã, possuía uma gama de vinhos de grande reputação que provinham de plantas selec-

cionadas e cultivadas com esmero segundo os métodos que havia estabelecido a lei hebraica.

A viticultura, já florescente no Egipto e Assíria, estendeu-se rapidamente à Europa. Instalou-se primeiro na Grécia, em cujas ilhas emergem do mar as admiráveis ruínas de um imenso pórtico, vestígio do templo de Baco. Os vinhos que se produziam

nestas regiões eram levados em navios aos portos mediterrânicos, especialmente a Roma onde os vinhos gregos, que gozaram de um renome igualado durante muito tempo, alcançavam às vezes preços exorbitantes.

Grandes consumidoras de vinho, estas antigas gerações caíam frequentemente no excesso. Como exemplo, temos as célebres orgias de Nero, Caracala e Tibério, entre outras. Em Roma o vinho foi objecto de proibição para as mulheres. Como no Egipto, ao que atestam alguns baixos-relevos, estas faziam um uso imoderado dele.

Seguindo os passos dos exércitos romanos, a viticultura penetrou na Gália e atravessou o Ródão até Lyon, alcançou a Borgonha, passando pela Helvécia. Quando caiu no gosto dos gauleses e germânicos o seu consumo generalizou-se. Ao longo do tempo a vinha chegou até Bordéus. Já no século III o vinhedo ocupava na Europa as mesmas regiões dos tempos actuais, incluindo os países do Danúbio, graças sobretudo ao imperador Marco Aurélio, que quando as contingências da guerra o permitiam transformava as suas legiões de guerreiros em pacíficos viticultores.

Roma não podia deixar de sofrer as consequências desta expansão. A superprodução na península e a concorrência dos vinhos do Império provocaram uma vertiginosa queda de preços. O marasmo que isso originou levou a que o imperador Domiciano ordenasse o arranque das vinhas nas comarcas que produziam vinhos medíocres. São fenómenos comerciais que acontecem em todas as épocas, inclusive na actualidade. Igualmente acontece com as leis, regulamentos, proibições, etc., referentes à vinificação, ao comércio, ao transporte e à economia vitivinícola.

Apesar destas vicissitudes e destas crises, a viticultura progredia à sombra da paz romana. Não sofreu muito com a queda do Império nem com o turvo período que se seguiu. A Igreja também tomou a si as artes da viticultura. O bispo, dono da cidade, converteu-se em vitivinicultor. E não era somente para assegurar a produção do vinho necessário para abastecer a povoação, mas também de suprir o necessário para presentear e honrar os monarcas e altas personagens que passavam pela cidade. Antes de tudo, e sobretudo, era necessário alimentar o tesouro episcopal. Esta viticultura secular, florescente no transcurso da Idade Média, desdobrou-se para dar lugar a uma viticultura monástica. As abadias serviam de estalagens e ficavam ao longo dos grandes itinerários, para oferecer refúgio ao caminhante. Acolhiam igualmente os grandes e poderosos, que por sua vez se

mostravam pródigos, e os pobres e os peregrinos. Como os próprios monges, todos estes viajantes apreciavam o vinho.

Os reis, duques e senhores feudais não tardaram em seguir o exemplo dos religiosos e dos príncipes da Igreja. A vinha juntou-se ao castelo, como o mosteiro à cidade episcopal. O vinho conservava o seu antigo prestígio.

Com o aparecimento da burguesia numerosos vinhedos das cercanias das cidades passaram para as mãos dos seus ricos habitantes.

O comércio de vinhos beneficiou da clientela, cada dia mais considerável, dos países do Norte, especialmente dos Países Baixos, Flandres e Inglaterra grandes apreciadores dos vinhos do Porto, Madeira e Jerez, alguns outros vinhos mediterrânicos e, sobretudo, os Bordéus, Borgonha e mais tarde, os champagnes. Bordéus pertenceu à Inglaterra do século XII ao XV.

O consumo de vinho era muito elevado nos países do Norte, chegando a ser superior do que nas próprias regiões produtivas.

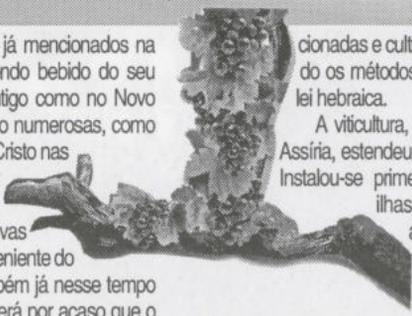
Quando, em 1579, os holandeses alcançaram a sua independência, dirigiram todos os esforços para o comércio. Possuíam uma marinha numerosa e bem organizada, assim como feitorias e armazéns. Praticando de uma maneira sistemática o estudo dos mercados, chegaram a criar necessidades e a estabelecer o consumo dirigido. Nos tempos de Luís XIV compravam grandes quantidades de vinho de pouco valor que misturavam, adulteravam e revendiam obtendo grandes benefícios, e isso nas barbas dos países exportadores que respeitavam escrupulosamente a integridade e pureza e onde o comércio de vinhos era objecto de uma atenta vigilância por parte das autoridades e corporações.

Nos tempos do Renascimento o mapa do vinhedo europeu coincidia aproximadamente com o actual. Com a colonização e a expansão do cristianismo a viticultura chegou aos países do ultramar — América de Sul, México, Califórnia, África do Sul — e em alguns, como na Argélia, tomou novo impulso. Nesta, como em todos os países muçulmanos, havia sido travada pelos preceitos do Corão, que proibiam aos crentes o consumo de bebidas alcoólicas. Doze séculos depois de Maomé, a Argélia encontrava-se à altura dos principais países vinícolas do Mundo.

Entre as numerosas vicissitudes que marcaram a história vitivinícola, figuram como as de maior importância as enfermidades e os parasitas da vinha de procedência americana importados nos meados do século XIX, onde se destaca a filoxera, que é um piolho microscópico que ataca a raiz da videira, literalmente sugando a vida da planta. Esta peste, originária do sudeste dos Estados Unidos, de alguma maneira entrou na França no ano de 1860 e até ao fim do século XIX já tinha destruído dois terços dos vinhedos europeus.

Porém, como sempre, o génio e a perseverança dos homens sobrepuseram-se a estas contrariedades. Actualmente os métodos de vinificação alcançaram um grau de perfeição quase científico. Em época de voos espaciais e da ciência nuclear, o vinho conserva todo o seu prestígio. Intimamente vinculado às origens da nossa civilização, constitui um dos seus desenvolvimentos mais importantes e pacíficos. E ainda continua sendo a mais nobre das bebidas.

M. Q. MONTEIRO



ARCA – Associação Recreativa e Cultural Areguense



ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

1.ª CONVOCATÓRIA

Nos termos legais e estatutários convoca-se uma Assembleia Geral Extraordinária a realizar na sede da Associação Recreativa e Cultural Areguense, no dia 29 de Agosto de 1999, às 17 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Assuntos relativos à construção do Edifício-Sede da ARCA.
- 2 — Estrutura dos Corpos Gerentes da ARCA.
- 3 — Outros assuntos de interesse relacionados com a Associação.

De acordo com os Estatutos a Assembleia Geral funcionará com a presença de dois terços dos associados. Se à hora marcada não estiver presente o número necessário de sócios, a Assembleia funcionará em 2.ª convocatória 60 minutos depois, qualquer que seja o número de presenças. (Parágrafos 2.º e 3.º do artigo 19.º dos Estatutos).

Arega, 16 de Agosto de 1999
O Presidente da Assembleia Geral

ARCA TEM ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA

Foi recebida na Associação Recreativa e Cultural Areguense a comunicação de atribuição do Estatuto de Utilidade Pública por parte do primeiro-ministro, aguardando-se a sua publicação em *Diário da República*.

Esta atribuição reveste-se da mais alta importância para a Associação agora que vão ser iniciadas as obras da sede, já que aquele estatuto consubstancia importantes benefícios, nomeadamente em termos de fiscalidade. O processo encontrava-se há mais de dois anos em fase de apreciação por parte do Governo.



TELEFONES ÚTEIS

Número nacional de emergência	. 112
Centro de Saúde de Figueiró	... 55 17 27 / 8
Posto médico de Arega	... 64 42 33
GNR	... 55 24 44
Bombeiros	... 55 21 22
Câmara Municipal	... 55 95 50
Farmácia Correia	... 55 23 12
Farmácia Serra	... 55 23 39
Farmácia Vidigal	... 55 24 41
Farmácia dos Cabaços	... 63 62 58
Farmácia de Maças	... 64 41 33
Intoxicações	... (01) 795 01 43
SOS criança	... (01) 793 16 17

Pagamento de assinaturas

1000\$00

- Silvério Carvalho Pires
- António Dias Rasteiro
- Jacinto Borges Mendes
- José Rasteiro
- Guilhermino Santos Silva
- Fernando Santos Antunes
- Manuel Almeida Teixeira
- António Conceição Rodrigues
- Manuel Lopes da Silva
- Jorge Simões Godinho
- Fernando dos Santos Martins
- Cristiano Lopes da Silva
- Evaristo Amado
- Manuel Borges Dias
- António Amaro Lourenço
- Ana Maria Furtado Rosa
- José Carlos Pereira Joaquim
- Emídio Conceição Dias
- Manuel Borges Antunes
- José Carlos Coelho Gomes
- Maria do Céu R. Coelho Simões
- Pedro Luís Alves Ferreira
- Silvério Carvalho Pires
- José Rosa Gomes
- Américo da Silva Ferreira

- Maria Alice Feliciano
- Tomé Henriques
- Joaquim Dias Santos
- António Santos Borges Almeida
- José Lemos Marques
- Alice Ferreira Gaspar
- Francisco Matias
- Jaime Gomes da Silva
- Emídio Martins Mano
- Duarte Mendes Gomes
- Manuel Conceição Rosa
- Reinaldo Manso
- Eduardo Gomes da Silva
- Jorge Conceição Dias
- Vitória Dores Antunes
- António Manuel Vicente Godinho
- Evaristo Almeida Teixeira
- Carlos Manuel S. Gomes
- Manuel Fernandes Rodrigues

- Baltasar Ferreira Simões
- Ana Maria Dias da Silva
- Paulo Rui Dias Silva
- Mário Gomes Carvalho
- Manuel Antunes Sequeira
- António José Furtado
- José da Conceição Teixeira
- Daniel Carvalho Baião
- Carlos Lopes Almeida
- Pedro Santos Borges
- Maria Flor Gaulupeau
- António dos Santos Martins
- Diamantino Conceição Santos
- Maria Pires Rodrigues

1500\$00

- Custódio Mendes Soares

2000\$00

- Silvino Borges Dias
- António Marques Trindade

3000\$00

- Adriano da Silva Martins
- Carlos Baião
- António Marques Feliciano
- Luís Manuel Silva Antunes
- Joaquim Baptista

5000\$00

- Carlos Manuel Alves Ferreira
- Carlos Simões



RUANA CABELEIREIROS

Cabeleireiro Unissexo e Ourivesaria

RUANA 1 - Av. Dr. Brandão de Vasconcelos, 49 - B AMOÇAGEME - 2710 Colares
Telef.: 929 18 44

RUANA 2 - Rua do Grémio, 3 - 5 JANAS - 2710 Sintra
Telef.: 928 36 15

.....
Gerência de **Zulmira da Silva Simões Carvalho**

OURIVESARIA LOURENÇO



RELÓGIOS, OURO E JÓIAS
CASA ESPECIALIZADA EM ÓPTICA MÉDICA
TAÇAS, TROFÉUS E MEDALHAS DESPORTIVAS



Uma tradição de bem servir

Tel. 036 - 552105 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS



ARMAZENISTAS:

Adubos, Rações, Agro-Químicos; Produtos de Limpeza, Plásticos, Papeleria, Miudezas, Electrodomésticos

Tels: 036 - 636262 - 636282 - Fax: 636416 - 3250 CABAÇOS

TELEFONES:
644260 - 34151
644246 - Resid.
Telem. 0931 253 579



ADELINO SANTOS COELHO

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO
SERVIÇO PERMANENTE
AREGA - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MANUEL PIRES TEIXEIRA

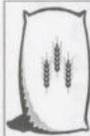
MADEIRAS



MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO



TRANSPORTES DE ALUGUER



RAÇÕES PROALIMENTAR

Tel.: 036 - 644209

AREGA

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ABERTO ATÉ ÀS 2 HORAS DA MANHÃ

SERVIÇO DE BAR E SALA DE JOGOS

CALMIRO

JUNTO AO ADRO

Tel. 036 - 644594

AREGA

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MARQUES
CAFÉ - RESTAURANTE RESIDENCIAL

ALMOÇOS, JANTARES, PETISCOS, DORMIDAS, CASAMENTOS, BAPTIZADOS, BANQUETES

Tel.: 036 - 636273
3250 CABAÇOS

Adelino da Silva Simões & Filho, Lda.
Comércio de Materiais de Construção

Azulejos	Louça Sanitária	Ferro
Ferragens	Ferramentas	Cimento
Pavimentos	Lava-Louças	Banheiras
Fibrocimento	Tubos e acessórios	Tintas Dyrup

Visite o Nosso Salão de Exposição

Tel: (036) 636151 Fax: (036) 636238
CABAÇOS - 3250 ALVALAZERE

RAUL ONOFRE DA SILVA HENRIQUES



Pronto-a-vestir
Venda e aplicação de alcatifas
Electrodomésticos
Revestimentos para automóveis

ENQUANTO O SEU CARRO ATESTA NAS BOMBAS DE GASOLINA DE AREGA, PROVE OS PETISCOS DO CAFÉ-BAR E VISITE A EXPOSIÇÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS

Tels.: (036) 641136/644280
Telem.: 0931 268719

AREGA 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS



AUTOMÓVEL DE ALUGUER
SERVIÇO PERMANENTE

EDUARDO DOS SANTOS DAVID

Tels: 036 - 644106 (Café) - 036 - 641201 (Resid.)

Telemóvel 0931 207 987

Castanheira - AREGA - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Café e Minimercado

Adubos, farinhas, gás, Mercenarias e seus derivados

Agente Totoloto - Totobola Joker e Raspadinha

Gerência Camilo Barata Rodrigues
Tel. 036 - 644106

Castanheira - AREGA - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

M A N U

FERNANDO GRAÇA CARVALHO

EMPREENHEIRO DE CONSTRUÇÃO CIVIL

TEL.: 036 - 644181 - CASTANHEIRA - AREGA
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ZULMIRA FERNANDES

ADVOGADA

Tel. 036 - 552313
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ESSERP - Escritórios de Serviços e Projectos, Lda.

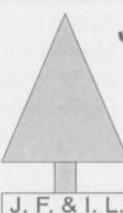
Contabilidade, Contencioso e Estudos

Tel. 036 - 552313 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

LADRILHADOR

António Teixeira Silva

Telem. 0931 582260
Tel. 036 - 644844
BREJO - AREGA



José Freitas & Irmãos, Lda.

COMÉRCIO DE MADEIRAS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Telef. 036 - 644230
Telemóvel 0931 - 373 281

Braçais - Arega

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

JOSÉ DA CONCEIÇÃO CABRAL

MOAGENS DE FARINHAS EM RAMA E PENEIRADA PARA PANIFICAÇÃO E USOS CULINÁRIOS

VENDA DE RAÇÕES E CEREAIS

FILIAL EM RIBEIRA DO BRÁS

SEDE: CABAÇOS

Tel. 036-636175-3250 ALVALAZERE

MANUEL TEIXEIRA SILVA ESTUDADOR

TRABALHOS POR ORÇAMENTO

Tel. 036 - 644284

BREJO - AREGA - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

OFICINA AUTO DE
JOÃO LUÍS ALMEIDA
 ESPECIALISTAS EM  E 

 BAIRRO DA MIMOSA
 RUA 8 DE JUNHO, LOTE 25, 84 - A
 2675 ODIVELAS
 TEL/FAX 01 - 9377801
 IMPORTAÇÃO DE CARROS NOVOS E USADOS DIRECTAMENTE DA ALEMANHA
 BMW • VW Beetle • AUDI • MERCEDES • ETC.

OURIVESARIA
RELOJOARIA
 De Mário T. Morais

 GRANDE SORTIDO DE PULSEIRAS, FIOS, ANÉIS DE NOIVADO E ALIANÇAS
 Relógios:
 Seiko - Citizen - Orient - Casio
SEDE: Avelar - FILIAL: Cabaços


RETIRO FIGUEIRAS
 Snack Bar - Restaurante
 De José Manuel Jesus Silva
 Telf. 036 - 53258 Chãos - 3260 Fig. dos Vinhos

ESTUCARTE - Sociedade de Estuques, Lda.
 Gerência de
José Conceição Mano
 Praceta à Rua João de Deus, n.º 1, 2.º Esq. 2685 Sacavém
 Telef.: 01-9530200 Telem.: 0931-9522813

COMÉRCIO MISTO E BAR

 RAÇÕES E ADUBOS PARA A AGRICULTURA
 AGENTE DA COMPANHIA SEGUROS: TRANQUILIDADE, INTER ATLÂNTICO, BONANÇA E IMPÉRIO
 CASA FUNDADA EM 1922
 Tel: 036 - 644151 (posto público)
AREGA - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MÁRIO FERNANDES RODRIGUES
 ENCARRREGA-SE DE TODOS OS SERVIÇOS DE CONSTRUÇÃO
 Tel.: (01) 980 40 17 Telem.: 0936 600 37 47
 Rua São Domingos, Vivenda Porto, Lote 8, 1.º Dto. VALE GRANDE - 1675 PONTINHA


JOSÉ GOMES
 MADEIRAS E DERIVADOS
 Telemóvel 0931 537 459
 Valbom - Arega - 3260 Figueiró dos Vinhos

Se precisa de água ou luz
 contacte
MANUEL DE JESUS
 Tel. 644247 - AVELAIS - AREGA
 Figueiró dos Vinhos

JOSIMOLAS
 DE José Bernardes Simões
 • MOLAS P/ TODOS OS VEÍCULOS
 • ATRILADOS DE GAÇA
 • MECÂNICA GERAL
 • GÁS INDUSTRIAL
 • ÓLEOS • FILTROS
 FABRICO E MONTAGEM
 Telefone: 036 - 623251 • 3240 CHÃO DE COUCE

LEONEL DA SILVA GOMES
 Pintor de Construção Civil
 Tel. 036 - 36052
 Casalinho de Santa Ana - Arega
 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

VISITENOS
 NÃO QUEREMOS (SÓ)
 VENDER MÓVEIS
 QUEREMOS FAZER AMIGOS
 SOMOS
MÓVEIS MIK
 CABAÇOS
 3250 ALVALAZERE
 036 - 638235

Mudanças e Transportes
AMÉRICO MARTINS
 TRANSPORTES DE ALUGUER
 PARA TODO O PAÍS



António Mano Simões
 Construção e Reconstrução de todo o tipo de casas Antigas e Modernas
 Construção de Piscinas de toda a forma e medida (com revestimentos: Mosaico, Leiner e Alcor Vulcanizado)
AQUA-PISCINAS
 Telefone (036) 64 12 09 • Telemóvel 0931 - 41 97 330
 Braçais - 3260 Arega - Figueiró dos Vinhos

FORD FIESTA 1.1 - 88
 65.000 KM IMPECÁVEL
 **BARATO** TELEM. 0931-7429037

tintas
dalge
 a sua escolha em pintura
 E-mail: tintasdalge@mail.telepac.pt
 Tels: 036-551030 / 551031 (RDIS) Fax: 036-551032 (RDIS)
 Parque Industrial, Lote 14 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS


VOZ d'AREGA
 MENSÁRIO REGIONALISTA
 Registos no Instituto da Comunicação Social:
 Publicação Periódica n.º 117 450
 Empresa Jornalística n.º 217 449
ARCA
 AREGA - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS
FICHA TÉCNICA
 PROPRIEDADE: ARCA - Associação Recreativa e Cultural Areguense
 Contribuinte n.º 501 078 860
 Director: Almiro Antunes Morais
 Director-Adjunto: Pedro Alves Ferreira
 Colaboradores: Céu Coelho; Alice Baião Morais; Alice Dias; Dr. Carlos Manuel Alves Ferreira; Eng.ª Dina Morais Lopes; Dr.ª Helena Serra Fernandes; Dr.ª Irene Borges; Dr.ª Paula Pinto Alves; Dr.ª Elsa Morais Lopes; Fernanda Morais; Sandra Henriques; Américo Silva Ferreira; António Teixeira Silva; Emídio Borges Gomes (Brasil); Lara Morais; Manuel Conceição Lopes; Manuel Sequeira; Padre Anibal Henriques; Licínio Ribeiro Gomes; Dr. Luís Serra Fernandes; Maria da Glória; Paulo Marçal; Rui Lopes
 Redacção: Filial em Lisboa - Trav. Limoeiros, A - r/c dt.º - 1675-877 Famões
 Telefone/modem/fax 01 - 9333194
 Composição, paginação e impressão: A. M. M. - Bairro das Queimadas - 1675 FAMÕES
 Tiragem deste número: 2000 exemplares
 Preço avulso: 100\$00 - 0,5 euros (IVA 5% incluído)
 Assinatura anual: 1000\$00 (IVA 5% incluído)
 «O JORNAL VOZ D'AREGA É UM ÓRGÃO INDEPENDENTE DE INFORMAÇÃO REGIONAL»
 (do Estatuto editorial)

AFRIZAL
 C. MATERIAL ELÉCTRICO E ELECTRODOMÉSTICOS, LDA.

 SEDE ADMINISTRAÇÃO E DEP. COMERCIAL
 R. Amorim Rosa, 33-37 - 2300 Tomar
 Tel: (049) 32 25 10 (4 linhas) - Fax: 32 32 45
 ARMAZÉM E VENDAS POR GROSSO
 R. Voluntários da República, 50/62 - 2300 Tomar
 Tel: (049) 32 25 10 (4 linhas) - Fax: 32 25 13

Dia 25-9, no Largo do Intendente (Lisboa)

ARRAIAL POPULAR



A Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos vai realizar no próximo dia 25 de Setembro um arraial popular em frente à sua sede, no Largo do Intendente, em Lisboa, que decorrerá entre as 13 e as 20 horas. Esta realização tem o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, que disponibilizará o palco e providenciará para que o Largo fique desimpedido nesse dia das inúmeras camionetas de carga que ali fazem estacionamento quase permanente. Será também um pretexto para dar uma animação diferente àquela zona da cidade que há muito reclama uma inter-

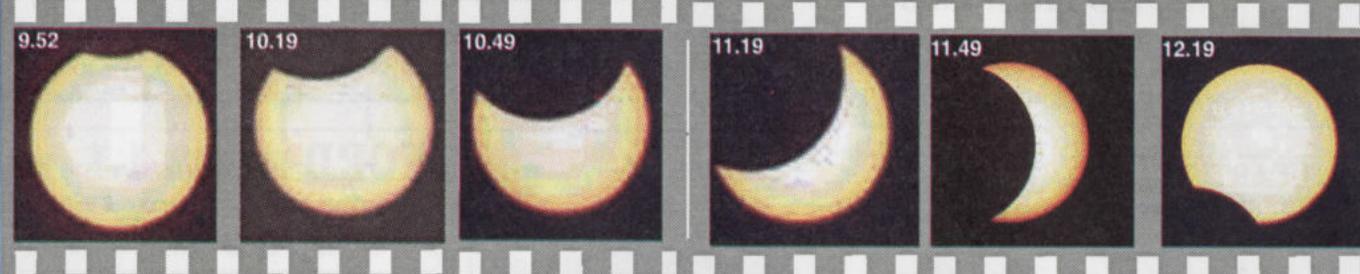
venção sócio-urbanística de forma a tentar extirpar os podres sociais que por ali proliferam.

Do programa constam as actuações do **Rancho Folclórico Neveiros do Coentral** (Castanheira de Pêra), da **Tuna Académica do Instituto Superior Técnico** (Lisboa), da **Dr.ª Piedade Lalanda** (Açores/Arega) e de outros **artistas amadores** ligados à região da comarca de Figueiró dos Vinhos. Conta-se com algumas surpresas que irão animar ainda mais o arraial, para além dos tradicionais **petiscos regionais**.

A direcção da Casa da Comarca faz questão de salientar que esta iniciativa, inédita, pelo menos nos últimos anos, visa aproximar mais a Casa à cidade e trazer os lisboetas oriundos ou descendentes da região comarcã de Figueiró junto da sua associação regional. Por outro lado, mostra que as preocupações culturais passam das palavras aos actos, desmentindo algumas vozes oposicionistas que tentam fazer passar a ideia de que a Casa da Comarca só serve para realizar bailes.

Portanto, no dia 25 de Setembro, todos ao Arraial da Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, no Largo do Intendente!

AS VÁRIAS FASES DO ECLIPSE NA NOSSA REGIÃO



Relacionadas com o eclipse

Ao longo dos tempos vários mitos se têm associado aos eclipses solares, como as célebres profecias de Nostradamus, famoso astrólogo francês do século xvi, que segundo alguns estudiosos da sua obra previu que durante o eclipse solar de Agosto de 1999 na França e nos outros países que ficassem dentro do ângulo de sombra dar-se-iam grandes catástrofes. Este é o texto original de tal profecia: *L'an mil neuf cens nonante neuf sept mois. Du ciel viendra un gran Roy d'ef-*

as profecias apocalípticas de Nostradamus

frayer. Resusciter le gran Roy d'Angolmois. Avant apres Mars regner par bonne heur. Para certos historiadores esta será a tradução: *No 7.º mês do ano de 1999* (a referência ao mês de Julho e não de Agosto pode ser explicada pelas alterações que o nosso calendário tem sofrido ao longo dos séculos). *Do céu um grande rei de horror virá* (é esta frase que suscita as maiores dúvidas pois embora muitos queiram ver neste rei o eclipse total na verdade não existem provas concretas de que assim seja). *Ressuscitar o grande rei*

de Angolmois. Em seguida será Marte que irá reinar para a felicidade.

Por outro lado o famoso estilista Paco Rabanne junta a uma visão que terá a tido aos 17 anos o que segundo ele estará escrito nas entrelinhas das profecias de Nostradamus e descreve que a estação orbital MIR se despenhará sobre Paris e libertará a sua carga de plutónio causando uma imensa catástrofe.

Uma vez que o dia 11 foi calmo e sereno, qual será a nova data aventada pelos "adivinhos"?

AS
Almiro J. Silva, Lda.
CONSTRUÇÃO - ANDARES - PRÉDIOS
ESCRITÓRIO: AV. 5 DE OUTUBRO, 256 - 3.º ESQ. 1600 LISBOA
TELS. 7952994 7934528 9423377 FAX 7952996

FUNDADO EM 1952 - REBAURADO EM 1967
17 ANOS A BEM SERVIR OS SEUS CLIENTES
Isaura RESTAURANTE
Gestão de Evaristo Borges e António Costa
AVENIDA DE PARIS, 4 - B - TELFS.: 01-8486651 / 8480838 - 1000 LISBOA



EVARISTO ALVES DIAS

MÁQUINAS AGRÍCOLAS • MOTOS E MOTORIZADAS DE TODAS AS MARCAS • ATOMIZADORES • MOTO-SERRAS • MOTOBOMBAS
ESMAGADORES • TUBO PLÁSTICO • ELECTROBOMBAS • BICICLETAS • ACESSÓRIOS • REPARAÇÕES GERAIS • ETC.

Agente: **Jonsered**



TELEF./FAX: (036) 644283 • TELEMÓVEL: (0931) 258905 •••• BRAÇAIS - AREGA 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

Saiu e imediatamente tomou o caminho dos Cabaços, com a intenção de praticar um crime monstruoso, no qual iria ficar comprometido o inocente Henrique com a finalidade de o tornar responsável e portanto meter na prisão, ocupando finalmente o lugar de capataz que há tanto tempo ambicionava.

Gregório andou, andou e parou junto do sítio de Vale de Ladrões, escondendo-se dentro do grande matagal que naquele tempo ali existia. Ouvidos à escuta, como animal feroz esperando a sua vítima. Era noite cerrada e passados que foram poucos momentos notou que se aproximava alguém, cujos passos notara já de certa distância. Encolheu-se no matagal, mas, quando o distraído viandante se cruzou com o local onde se encontrava, sorratamente saiu e cobardemente cravou o enorme canivete no pescoço do Julião, que era a pessoa que regressando dos Cabaços se dirigia para o Casal. A pobre vítima deu um grito e caiu redondamente no chão. Nesta ocasião Gregório tirou do bolso o lenço que tinha levado da casa do Henrique, molhou-o no abundante sangue que jorrava da ferida, embrulhou-o num papel, pegou na lanterna, ainda acesa, que o desgraçado Julião trazia para se orientar no caminho e puxou do relógio para se inteirar das horas, olhou e seguidamente apagou a lanterna que depois abandonou no local, tomando o caminho do Casal dos Ventos. Talvez assarapantado pelo horrível crime que acabara de cometer, ao tentar guardar o relógio no bolso não notou que ele caíra ao chão. Alguém, que também vinha a caminho do Casal, ouviu um grito e assustado escondeu-se no mato. Viu um vulto a movimentar-se, pegar na lanterna e apagá-la em seguida.

Essa testemunha involuntária era um rapazote também residente no Casal, na companhia dos pais, chamava-se Gabriel e tinha ido à Arega, por incumbência destes, para dar um recado a um seu familiar. Cumprida a missão quase à noitinha, meteu-se ao caminho de regresso e entretanto escureceu; quando chegou ao Vale de Ladrões, onde aconteceu o funesto caso que acabamos de relatar, era já noite cerrada. Gabriel quando ouviu aquele grito ficou assustado, mas, curioso como era, espreitou e na ocasião em que o assassino pegou na lanterna ele notou que qualquer coisa ao passar pela luz fez um reflexo e caiu. Cheio de medo, deixou que o vulto se afastasse do local e depois foi tentar descobrir o que teria caído. Na escuridão da noite teve dificuldade mas por fim encontrou um relógio, aquele que o assassino tinha deixado cair, ainda molhado de sangue e por isso embrulhou-o num velho lenço que trazia para não sujar o fato. Não procurou a vítima, pois estava apavorado, mas a sua grande curiosidade obrigou-o a acelerar o andamento para seguir o criminoso e assim, ao vê-lo entrar em casa, soube quem era. Gabriel ficou surpreendido pois nunca lhe passou pela cabeça que o seu vizinho Gregório fosse assassino. E logo que lhe pareceu oportuno entrou para casa dos pais indo dar conta da missão de que o tinham incumbido, mas nada disse sobre o que presenciara, receoso das consequências, indo esconder o relógio num buraco da parede onde dificilmente poderia ser encon-

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

trado por outra pessoa. Ele, muito impressionado pelo que acabara de presenciar, lembrou-se de que antes de se deslocar para cumprir a missão de que o pai o encarregara dera conta da saída de Julião, para levar a carta do Marquês aos Cabaços. Teria sido ele a vítima daquele cobarde assassínio? Numa vigília subtil, aguardou o andamento dos acontecimentos.

Aconteceu que no Casal foi notada a ausência de Henrique que contra o seu costume tardou em aparecer em casa porque estando muito fatigado pelo trabalho, sentou-se num penedo para descansar, tendo adormecido, razão por que a Joana, sua mulher, andou pelos vizinhos a perguntar se alguém sabia onde se encontrava o marido. Quando ele acordou era noite, regressando a casa já depois de ter voltado o Gregório, o qual, ao saber o que se passava, conseguiu entreter a Joana, enquanto a sua mulher, aproveitando a ausência dos moradores, foi meter o lenço ensanguentado do Henrique dentro de uma mala, no lugar exacto onde o marido dela o tinha ido buscar.

A noite passou e o dia seguinte nasceu com uma manhã cheia de sol radiante e belo. Ninguém até aí tinha dado pela ausência do Julião, que vivia só e não tinha família no Casal. A sua falta só foi notada quando se fez a distribuição das tarefas a efectuar por cada trabalhador. Ninguém se admirou pois sabiam que ele, desde que tivera aquela pequena questão com o Henrique, tencionava abandonar os trabalhos no Casal dos Ventos. Por sua vez o Henrique também não deu muita importância ao caso. Momentos depois apareceu no Casal um pequeno pastor residente num lugar limítrofe, dizendo que tinha encontrado junto à estrada um homem caído no chão e que lhe parecia estar morto. As mulheres reunidas comentavam, não havendo já sossego entre elas.

— Quem será? — perguntou uma delas, mostrando-se muito interessada em saber, tentando assim demonstrar uma ignorância que na verdade não tinha.

— Não se sabe — respondeu outra.

Como se adivinha a primeira era a mulher do Gregório, a qual tinha perfeito conhecimento do acto hediondo cometido pelo marido. O Marquês, que entretanto teve conhecimento do sucedido, mandou que dois homens acompanhassem o pastor ao local para tomarem conhecimento do assunto.

— Afinal onde é que tu viste o homem caído? — perguntou o pérfido Gregório, dispondo-se a acompanhar o pastor. Esta pergunta tinha por fim arredar qualquer suspeita que porventura pudesse cair sobre si. Depois de ouvir a resposta do pastorinho seguiram em direcção ao local por ele indicado, onde encontraram o corpo inanimado do pobre Julião. Nesse momento Gregório, fingindo-se muito admirado, disse:

— Olha, é o Julião!

E como já tinha dado pela falta do relógio, disfarçadamente pesquisou o local, na intenção de o encontrar, mas a sua pesquisa foi inútil porque o relógio, como é sabido, já não se encontrava lá. Seguidamente regressaram ao Casal dos

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

Ventos para darem a notícia da morte do Julião, mas pelo caminho ele tentou influenciar a opinião do companheiro, perguntando-lhe se não teria qualquer desconfiança de quem seria o criminoso. Perante o silêncio do colega, continuou:

— Não te lembras de ele ter sido há pouco tempo ameaçado?

O companheiro, António, lembrou-se então da pequena desordem que tinha acontecido há poucos dias entre Julião e o encarregado Henrique e também que este na véspera tinha chegado a casa muito tarde. Numa voz muito baixa, quase inaudível, disse:

— Terá sido o Senhor Henrique o autor deste crime? Não me parece haver outra pessoa de quem se possa suspeitar.

— Vês como tu és esperto! — atalhou logo o Gregório.

Entretanto chegaram ao Casal dos Ventos, onde contaram o que tinham visto, dizendo quem era a vítima, o que surpreendeu toda a gente. Henrique ficou comovido, apesar de terem tido há tempos aquela questão considerava-o um bom trabalhador, não lhe conhecendo inimigos, constituindo uma surpresa muito desagradável, tanto mais que fora ele quem o mandara aos Cabaços levar a carta do Marquês. Os companheiros começaram a examinar atentamente o seu comportamento, por se encontrar perturbado e por se ter afastado deles. Nesse momento, Gregório dirigiu-se ao grupo e disse:

— Companheiros, todos sabem que o Julião foi há pouco tempo ameaçado pelo Henrique, que ontem chegou a casa muito tarde. Tudo leva a crer que foi ele o assassino do nosso companheiro Julião. Vamos prendê-lo antes que nos fuja.

E nessa confusão, instigadas pelo Gregório, dirigiram-se todos para o local onde Henrique se encontrava para o acusar do crime. Ele olhava para todo aquele rebuliço com certa curiosidade, pois não compreendia o que se passava porque não tinha ouvido as palavras de incitamento e naquela vozearia confusa mal compreendia que lhe chamavam assassino. Por fim, apesar de se proclamar inocente, levaram-no para o Casal, no meio das ameaças do seu inimigo, que continuava a acusá-lo de ter assassinado o pobre Julião.

Naquelas condições estava em bom andamento o plano do Gregório para inutilizar Henrique, continuando a chamar-lhe em alta voz «assassino» e «velhaco».

O povo, em vista de algumas lacunas da defesa do Henrique, como seja a sua ausência no Casal na noite do assassinio do pobre trabalhador, ficava calado e ele não encontrando maneira de se justificar calava-se também. Joana, a sua mulher, chorava e dizia que o seu marido nunca poderia ser o assassino porque tinha sido sempre um homem de bons sentimentos, nunca tinha sentido ódio por ninguém. Clarinha, por sua vez, abandonou a janela onde se encontrava e muito triste encerrou-se no quarto, com a certeza de que o pai de Roberto, que sempre tinha conhecido como um homem de bem, nunca poderia ter sido o assassino do trabalhador e estava inocente.

Entretanto, Henrique tinha sido obrigado a entrar para uma arrecadação onde

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

o deixaram fechado à chave, ninguém dando a devida atenção aos seus protestos de inocência. O Marquês, por sua vez, mandou uma pequena carroça ao local onde se encontrava a vítima para a trazer para o Casal, a fim de ser feito o funeral, e ao levantarem o corpo encontraram-lhe cravado o enorme canivete que depois foi reconhecido como pertencente ao Henrique. Quando chegaram ao Casal foram buscá-lo, perguntando-lhe se sabia a quem pertencia aquele canivete e ele reconheceu-o como sendo seu e que era com ele que costumava fazer as enxertias nos bacelos. Gregório voltou a insultá-lo, chamando-lhe criminoso, continuando com as ameaças do costume. Henrique ficou completamente desorientado, verificando que tinha havido um *complot* contra ele, mas como todos os factos o comprometiam recolheu-se a um silêncio completo. Gregório não perdeu tempo em participar os acontecimentos para Figueiró dos Vinhos, sede do concelho a que pertencia o Casal dos Ventos, e entretanto Henrique continuava fechado na arrecadação, sofrendo as inclemências do desconforto. No dia seguinte chegou ao Casal uma força enviada de Figueiró para o levar debaixo de prisão, como autor do assassinio de Julião. Já prisioneiro o pobre inocente teve ainda de suportar os insultos do famigerado Gregório, que berrando para os companheiros convencia-os para que se fizesse uma busca à casa do inocente acusado, alegando que ele teria cometido o crime possivelmente com a ideia de roubar. Com o consentimento da força policial, a busca efectuou-se. Gregório sabia muito bem o que procurava e onde se encontrava aquilo que queria encontrar: o embrulho com o lenço ensanguentado que a sua mulher tinha ido esconder dentro de uma mala, conforme as indicações dele próprio. Assim, para disfarçar andou mexendo em redor onde nada havia para ser tomado como comprometedor, lançando finalmente o olhar para a mala onde ele sabia que se encontrava o lenço trazido por sua mulher. Abriu a mala e logo mostrou aos companheiros e às autoridades presentes o troféu, sendo imediatamente reconhecido por todos como pertença do Henrique, que tendo reconhecido também o lenço como seu calou-se por fim, nada mais faltando para o comprometer. A própria Clarinha, em face destes acontecimentos, já tinha certas dúvidas sobre a inocência dele.

Henrique foi finalmente levado debaixo de prisão para a cadeia de Figueiró, de nada valendo as súplicas de sua mulher que continuava a clamar inocência.

Depois destes acontecimentos o Casal dos Ventos voltou à possível normalidade, os trabalhadores retomaram o trabalho diário e o Gregório foi chamado à presença do Marquês para tomar posse como encarregado agrícola. Enfim, impava de contentamento, porque as suas criminosas manigâncias tinham-lhe trazido os melhores resultados.

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

VI

OS JURAMENTOS CUMPREM-SE

O Marquês, no seu íntimo, aplaudia a prisão de Henrique porque vinha facilitar-lhe o plano em relação a Clarinha, pois estava convencido de que ela não desejaria casar com Roberto, agora conhecido como filho de um criminoso.

Como foi dito, Julião tinha ido aos Cabaços meter uma carta. Essa carta era enviada pelo correio, por ser mais discreto, ao padre de Arega, sede da freguesia a que pertencia o Casal dos Ventos, e como a Clarinha era muito religiosa só a influência do padre poderia tirar-lhe a ilusão de cumprir o juramento de amor que tinha tomado com Roberto na ocasião em que se despediu dela aquando da sua partida para Lisboa.

Depois de passados alguns dias chegou ao Casal um indivíduo completamente vestido de preto, notava-se que era pessoa de certa idade, vinha montado num cavalo, sendo depois identificado como o padre de Arega.

Chegou, apeou-se e dirigiu-se para a porta do solar, batendo à porta. Não tardou em aparecer uma criada, que seguidamente foi informar o Marquês da chegada da visita. Este veio imediatamente receber o padre Alberto, seu conhecido desde os tempos da escola primária da terra, depois cada um tomou o seu caminho, o pequeno Alberto seguiu para o seminário, onde completou os seus estudos eclesiásticos, indo por sua vez o Marquês para Coimbra, onde se formou em direito. Ao chegar à porta ambos se abraçaram e o padre foi conduzido para o escritório, sentando-se em frente da secretária onde o Marquês tinha sempre o seu lugar. Olharam-se como bons amigos e o Marquês iniciou o diálogo, a fim de chegar ao assunto que lhe interessava:

— Alberto, muito obrigado por teres vindo, acontece que tenho um grande favor a pedir-te. Como sabes os filhos são sempre a nossa maior preocupação, só quem os não tem não sabe o que eles representam para os pais. Tenho uma filha, que é toda a minha paixão, ela como sabes está uma mulher feita, tenho por esse motivo a obrigação de velar pelo seu futuro, isto é, preparar o seu casamento da maneira mais conveniente para ela. Assim, pensei em casá-la com um sobrinho que tenho em Coimbra, que está a ultimar o seu curso de direito, mas acontece que se enamorou de um rapaz, filho de um trabalhador aqui do Casal, que talvez tu conheças. Chama-se Roberto e está neste momento em Lisboa empregado no armazém de um amigo meu. Logo que tive conhecimento do caso arranjei a maneira de o afastar daqui, convencendo os pais a mandarem-no para Lisboa. Este rapaz foi criado em convivência com a minha filha desde criança e por esse motivo houve sempre entre eles uma grande atenção em termos infantis, mas ultimamente esse assunto tornou-se mais perigoso, pois redundou num caso sentimental.

O padre ia escutando em silêncio, sem interromper.

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

— Eu não quero que a minha filha case com esse rapaz — prosseguiu o Marquês —, muito embora ele seja de boa formação moral, não tem o nível social para ser o marido da minha filha. O meu sobrinho já tentou aproximar-se dela como pretendente à sua mão mas ela não o aceitou, desculpando-se que estava comprometida e que jamais deixaria de cumprir a sua promessa de casamento. Eu por enquanto não queria empregar a minha autoridade de pai para a obrigar a submeter-se a um casamento que ela não deseja, mas se insistir na ideia que tem terei então de o fazer. Foi por este motivo que te pedi para te deslocares aqui, na esperança de em conversa com ela tentares dissuadi-la dos seus intentos e convencê-la a aceitar o meu sobrinho como o marido que lhe convém. Eu vou sair, vou dar uma volta pelas propriedades, é uma volta de inspecção, tanto mais que o encarregado de gerir os trabalhos foi mudado, e neste intervalo vais ficar na sua companhia e por favor vê o que podes fazer no sentido desejado.

Seguidamente o Marquês levantou-se e o padre seguiu-lhe o exemplo, os dois dirigiram-se para a sala onde se encontrava Clarinha, a qual cumprimentou respeitosamente o padre. O Marquês saiu como por acaso e o padre dirigiu-se à jovem:

— Como há já muito tempo que não tenho o prazer de a ver em Arega, cumprindo o sagrado dever de se confessar, vim aqui de propósito para o fazer.

Clarinha levantou-se e dirigiu-se para uma cadeira que se encontrava mais próximo do padre, dizendo-lhe:

— Lamento muito, mas hoje não tenho disposição para me confessar devido a vários casos que ultimamente aqui têm acontecido.

O padre então encetou uma conversa sobre vários temas, principalmente religiosos, no intuito de se aproximar do assunto que estava incumbido de tratar com ela e tomando um ar que se esforçou por tornar natural, perguntou-lhe:

— Então Clarinha, quando pensa casar?

Ela ficou silenciosa por alguns momentos, respondendo em seguida:

— Por agora nada lhe posso dizer sobre esse assunto, pois eu nem sequer pensei ainda nisso.

— Mas eu já ouvi falar que tencionava casar com um seu primo, residente em Coimbra, que se encontra actualmente a estudar direito — continuou o padre.

— Deixe falar — respondeu ela.

— Mas esse rapaz existe? — perguntou o padre.

— Existe sim, mas eu não vou casar com ele, pois eu só casarei com quem eu ame, alguém a quem eu possa dedicar todo o meu amor, mas esse não é o caso do meu primo Rogério.

— Então é porque ama outro, não é verdade?

— Sim — respondeu ela.

— Então quem é?

— É um rapaz pobre nascido aqui no Casal como eu, mas agora não está cá.

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

— Ah, já sei! É o Roberto, não é verdade?

Clarinha fez uma pausa, acenando afirmativamente com a cabeça.

O padre, encontrando agora o momento certo para intervir, continuou:

— Pense bem, não deve fazer isso, se casar com o seu primo será com certeza muito mais feliz, irá viver para uma grande cidade, como é Coimbra, e também o seu pai se sentirá muito orgulhoso com o seu casamento. Ele só quer o seu bem e a sua felicidade. O que será você, casada com um rapaz sem instrução e sem fortuna e ainda com o inconveniente de perder o direito ao título do seu pai? Eu tenho a certeza de que ele não vai consentir isso.

— Mas eu não tenho qualquer razão sentimental que me prenda ao meu primo Rogério — respondeu ela.

— Mas isso não é o bastante — continuou o padre. — Pense que será mais estimada e terá melhores condições económicas casando com o seu primo. Roberto, o filho de um trabalhador, não lhe pode dar o conforto que você merece.

— Isso não importa — respondeu Clarinha. — Se é para ele que vai todo o meu amor, se ele tiver por mim o mesmo sentimento isso será para mim a maior compensação que posso ter. É assim que eu penso, o amor para ser amor deve ser desinteressado. Compreendo a maneira de pensar do Senhor Prior, o senhor na sua vida profissional trocou o amor pela profissão, foi quanto a mim uma opção triste, sacrificou o amor ao sacerdócio, não viveu a vida, foi por um caminho errado, pois abandonou o sentimento mais maravilhoso que este mundo nos pode dar. E já agora, peço licença para lhe fazer uma pergunta: Deus, que é bondoso e justo, estará de acordo em que se falte a um juramento solene, feito entre duas pessoas que se amam?

O padre ficou silencioso, sem mais palavras para lhe dizer, pois não tinha argumentos para continuar a conversa.

Neste momento bateram à porta do solar e Clarinha foi abrir. Era um trabalhador que trazia o correio que tinha chegado. Uma carta trazia a cruzinha desejada e Clarinha guardou-a para si, indo entregar outra a Joana, a mãe do Roberto, a qual chorava a sua desgraça por se encontrar só na vida e sem qualquer esperança no futuro. Pediu a Clarinha para a ler, visto ela não saber. Terminada a leitura, Clarinha consolou Joana com palavras de esperança e voltou de novo para junto do padre, que tinha ficado só por momentos. Este encontrava-se sentado no mesmo lugar, mas já convencido de que não seria possível convencê-la a mudar de ideias sobre o seu futuro casamento. Iniciaram uma nova conversa sobre assuntos da casa e outros. Entretanto chegou o Marquês, que sorrateiramente piscou o olho ao padre como que a perguntar-lhe o que se tinha passado. Nessa ocasião Clarinha aproveitou para pedir licença para sair, deixando-os sós, tanto mais que estava ansiosa por ler a carta que tinha recebido de Roberto.

— Então o que me dizes, Alberto? — começou o Marquês.

— Só duas palavras: é impossível.

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

O Marquês ficou furioso, dizendo seguidamente:

— Vamos deixar passar mais algum tempo até que o meu sobrinho termine o seu curso e nessa altura entrarei de novo em contacto contigo para iniciarmos os preparativos necessários para o efeito, pois eu vou obrigá-la a aceitar este casamento.

O padre terminou a visita e regressou a Arega pensativo, magicando nas palavras de Clarinha acerca do sacrifício do amor em detrimento de outros interesses, pois isso recordava-lhe tempos da juventude e fazia agora escorrer uma lágrima fugidia pela sua face rugosa.

O tempo foi passando sem qualquer acontecimento de registo. Clarinha recebia de vez em quando correspondência de Roberto, na qual ele a ia informando da sua situação em Lisboa, dizendo que estava razoavelmente instalado e admitindo que dentro de pouco tempo a união deles pelo casamento seria um facto.

Certa ocasião o pai de Clarinha chamou-a ao escritório, dizendo-lhe para se sentar junto dele, iniciando com aparente naturalidade uma conversa neste sentido:

— Clarinha, estás uma mulher feita, e aqui, praticamente sozinha, deves com certeza passar o tempo aborrecida. Por isso entendo que deves começar a pensar no teu futuro, pois já estás nas condições ideais para te tornares uma dona de casa. Isto quer dizer que deves casar. Escolhi para teu marido o meu sobrinho Rogério porque sei que ele merece a tua simpatia.

E perante a indiferença da filha, o Marquês continuou:

— Já falei com o teu tio e pai de Rogério sobre este assunto e ele está plenamente de acordo. Assim, logo que o meu sobrinho acabe o curso de direito, poderemos tratar do teu casamento.

Clarinha, que até aqui se tinha conservado silenciosa, respondeu ao pai:

— Meu pai, não tenho por enquanto pressa em me casar. De resto, meu primo Rogério não é o marido que eu pretendo, isto não quer dizer que eu não tenha simpatia por ele, mas somente uma simpatia como se tem por uma pessoa de família. Está no entanto certo que, quando eu pensar em casar, então lhe darei conhecimento da pessoa que escolhi para meu marido.

— Não queres então casar com o teu primo? Essa é boa, então o que encontras tu de mal no meu sobrinho?

— Nada, meu pai, é só porque não tenho qualquer razão sentimental que me leve a escolher o primo Rogério para meu marido.

— E dizes então difinitivamente que não queres casar com ele?

— Digo sim, meu pai.

O Marquês continha a custo uma explosão de raiva, esperava no entanto convencer a filha a aceitar o casamento de sua livre vontade, sem ter de empregar a sua autoridade de pai.